

PROFESSORAS NO VALE DO GUAPORÉ – MATO GROSSO E RONDÔNIA: O PERCURSO HISTÓRICO DE MULHERES CALVARIANAS NA ESCOLARIZAÇÃO DE MOÇAS GUAPORENSES¹

WOMEN TEACHERS IN THE GUAPORÉ VALLEY (IN BRAZIL): THE HISTORICAL JOURNEY OF CALVARIAN WOMEN IN THE SCHOOLING OF GIRLS FROM GUAPORÉ

Nilce Vieira Campos Ferreira ²
<https://orcid.org/0000-0002-9165-0011>

Josemir Almeida Barros ³
<https://orcid.org/0000-0002-2687-6575>

Resumo:

Investigamos o percurso histórico de mulheres calvarianas na escolarização das moças guaporenses. As irmãs calvarianas saíram da França e vieram ao Brasil, a partir dos anos de 1930, para ao longo do Vale do Guaporé, entre Mato Grosso e Rondônia, Brasil, unirem-se ao padre Francisco Xavier Rey, pároco na cidade de Guajará-mirim e às margens do rio Guaporé, ao norte de Mato Grosso, construíram ou abriram escolas para educar meninas que ali viviam. O objetivo deste texto é analisar as experiências educativas, escolares, culturais e/ou sociais mais significativas que foram desenvolvidas no cotidiano escolar. A pesquisa assenta-se em um estudo documental, de caráter qualitativo e encontra relevância ao identificar e trazer algumas reflexões sobre a inserção dessas mulheres na história da educação feminina no estado de Mato grosso e Rondônia, no Brasil. Procurando responder a problemática de como essas mulheres organizaram a educação naqueles locais, consideramos que elas traziam consigo o objetivo de obediência a sua ordem eclesiástica e ao chegarem na região Norte brasileira, fizeram prosperar a missão da qual se imbuíram: evangelizar mulheres guaporenses e fazer florescer suas crenças em solo brasileiro, enfim, foram mulheres que trabalharam para que sua diocese prosperasse e ocupasse os vazios e distantes rincões das região Centro-Oeste e Norte brasileiras.

Palavras-chave: história da educação feminina; professoras rurais; ensino confessional; Vale do Guaporé.

¹ Pesquisa desenvolvida no estágio de Pós-doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondônia, sob a supervisão do Prof. Dr. Josemir Almeida Barros. O texto também se inscreve no âmbito do projeto de pesquisa “Formação de professoras missionárias nas regiões Centro- Oeste e Norte: Mato Grosso e Rondônia/Brasil (1936-1963)” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo número 424497/2018-2.

² Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/Mato Grosso/Campus Cuiabá, e-mail: nilcevieiraufmt@gmail.com

³ Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional, Rondônia, Campus Porto Velho, e-mail: josemirbh@yahoo.com.br

Abstract:

In this text, we investigate the historical journey of Calvarian women in the schooling of the guaporenses women. The Calvarian sisters left France and came to Brazil, starting in the 1930s, to along the Guaporé Valley, between Mato Grosso and Rondônia, Brazil, join Father Francisco Xavier Rey, pastor in the city of Guajará-mirim and on the banks of the Guaporé River, north of Mato Grosso, they built or opened schools to educate girls who lived there. The objective of this text is to analyze the most significant educational, school, cultural, and/or social experiences that were developed in the daily school life. The research is based on a documental study, of qualitative character and finds relevance in identifying and bringing some reflections about the insertion of these women in the history of female education in the state of Mato Grosso and Rondônia, in Brazil. Seeking to answer the problematic of how these women organized education in those places, we consider that they brought with them the objective of obedience to their ecclesiastical order and when they arrived in the Brazilian North region, they made prosper the mission of which they were imbued: to evangelize the guaporenses women and make their beliefs flourish in Brazilian soil. In short, they were women who worked so that their diocese prospered and occupied the empty and distant corners of the Brazilian Midwest and North regions.

Keywords: history of female education; rural teachers; confessional education; Vale do Guaporé.

INTRODUÇÃO: MULHERES E SEUS OFÍCIOS NO CAMINHO DO GUAPORÉ

A escolha de uma temática para escrita de um texto reveste-se das reflexões que trazemos sobre o papel da história na comunidade à qual pertencemos. A história da educação feminina que temos procurado escrever deve ter, portanto, um sentido para as pessoas. Igualmente, as vozes do passado devem alcançar um significado no presente. Paul Thompson já nos advertiu que a “[...] história depende, basicamente, de sua finalidade social.” (THOMPSON, 1998, p. 20).

Do mesmo modo, o questionamento que nos fazemos é se é possível alcançar as vozes que nos chegam do passado, como dito por Philippe Joutard (1986), uma vez que a realidade é multifacetada. Nas trilhas das pesquisas que empreendemos, temos a compreensão de que como investigadores, para levar a cabo nosso ofício, devemos consultar necessariamente as fontes de caráter histórico e documental, pois elas também são evidências de um testemunho que se perpetuou no tempo. Isto é, fontes documentais possibilitam a interpretação das lacunas, dos vazios, dos ditos e não ditos, enfim, permitem reflexões sobre diferentes contextos. Ao adotar distintas ênfases e discussões de questões que convergem para outros rumos que uma história pode trilhar estabelecemos e diferenciamos papéis que a história da educação feminina exerceu em uma dada localidade, dependendo da fonte a documentar que foi coletada e escolhida para análise.

Neste texto, portanto, escrevemos sobre professoras da missão calvariana que para o Brasil vieram e se instalaram ao longo do Vale do Guaporé, mais especificamente em Guajará Mirim, no estado de Rondônia. Trazemos uma história que acreditamos seja ignorada, pouco registrada e difundida.

Nas investigações que temos realizado e orientado a respeito da história das instituições escolares que procuraram educar meninas, moças, mulheres, nas regiões Centro-Oeste e Norte brasileiras, encontramos relatos de uma história inédita, mais frequente do que se imaginaria, de instituições educativas nas quais mulheres punham em campo sua vontade de conhecer, de explorar, de se educar e de educarem outras mulheres.

Destacamos que se hoje a história das mulheres e da educação feminina aparece quase sempre presente em pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação, isso nem sempre foi

assim, pelo menos se considerarmos o sentido coletivo do termo. Michelle Perrot (2007, p. 13) nos questiona "Por que isso? Porque esse silêncio". Nessa seara, em busca dessas histórias, lançamos, afinal, como Perrot nos diz, no cotidiano de nosso ofício, também somos testemunhas e agentes.

Dessa história, eu assim como muitas outras mulheres, fui testemunha e atriz. Por isso, gostaria de contar minha experiência, porque, sob certos aspectos, ela é significativa da passagem do silêncio às palavras e da mudança de um olhar que, justamente, faz a história ou, pelo menos, faz emergir novos objetos no relato que constitui a história, a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente. (PERROT, 2007, p. 13).

Uma das fontes coletadas, encontramos o relato de uma professora: Marthe de Jésus [s.d], ela mesma testemunha e atriz no cotidiano que viveu. Sua narrativa, escrita no chamado Livro de Crônicas, constitui sua história, na qual apresenta a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente. Enquanto escreve, a memória dos acontecimentos cotidianos é exercida por ela como prática individual e social, exibindo características e sentimentos que podem ser conhecidos pelas outras mulheres, irmãs que estão ausentes, que ainda vivem em outras terras. Posso afirmar que seu relato favorece "[...] a compreensão indicando o mundo da experiência que, ao passar pelas operações configurantes, acede à linguagem e ao caráter público e compartilhado do símbolo porque tem como finalidade a comunicação com outrem." (CARVALHO, 2003, 290).

Jésus [s.d] viveu em uma época na qual no Brasil a educação era acessível apenas pelas mulheres de famílias mais abastadas “[...] às vezes elas recebiam noções de leitura, mas se dedicavam sobretudo às prendas domésticas, à aprendizagem de boas maneiras e à formação moral e religiosa [...]” (ARANHA, 2006, p. 229). Ainda assim, o objetivo principal da escolarização de mulheres brasileiras era prepará-las para o casamento, para as responsabilidades com a vida no lar, para seguirem os princípios religiosos, uma vez que a maioria das escolas ou salas de aula femininas eram confessionais ou estavam sob a regência de religiosas.

Ao longo do Vale do Guaporé, para a coleta de fontes, vários arquivos foram visitados, tanto por nós, quanto por outras integrantes do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Instituições e Gênero – GPHEG⁴, entre eles, o Arquivo Público Mato-Grossense, o Arquivo da Prelazia de Guajará Mirim, o arquivo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, o Arquivo Público de Rondônia. Nessas visitas para coletas de fontes, encontramos a existência de alguns fundos e coleções que trouxeram importantes subsídios a nossos estudos e pesquisas⁵.

O encontro de um Livro de Crônicas⁶ da Prelazia⁷, ou Prelatura, de Guajará-Mirim permitiu ver um relatório histórico da fundação daquela prelazia e das atividades educativas empreendidas, na região amazônica, pelas Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Esse Livro de Crônicas foi redigido pela Irmã Calvariana Madre Marthe de Jésus [s.d], como descrito em sua capa.

⁴ <https://www.ufmt.br/unidade/gp heg/noticias/gp heg-1605048661>

⁵ Duas dissertações foram defendidas e relatam o percurso de irmãs calvarianas e salesianas ao norte de Mato Grosso e Rondônia: Prado (2017) e Souza (2017). Essas dissertações podem ser consultadas em https://www.ufmt.br/unidade/gp heg/pagina/publicacoes/4368#top_page

⁶ Os Livros de Crônicas eram cadernos escritos pelas irmãs, freiras católicas em terras estrangeiras, nos quais elas relatavam o cotidiano das missões e enviavam esses registros às suas congregações de origem. O livro de Crônicas que analisamos foi escrito em francês. Neste texto, procedemos à tradução livre de fragmentos do Livro de Crônicas escrito por Marthe de Jésus, que compõe parte do acervo do GPHEG.

⁷ No Código de Direito Canônico da Igreja Católica, Cân. 370, “[...] a prelazia territorial ou a abadia territorial constitui uma determinada área, territorialmente delimitada, cujo cuidado é confiado a um Prelado ou Abade, que a governa como seu próprio pastor, à semelhança do Bispo diocesano.” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1987, p. 67).

Um diário de campo, um sinal, um vestígio, o Livro de Crônicas trouxe histórias de mulheres que vieram de longe, de além-mar para fundar escolas, para educar outras mulheres na distante Guajará-Mirim, no Brasil. Um registro do cotidiano que nos levou a querer investigar um pouco mais. Carlo Ginzburg (1989) já há muito nos alertava que era preciso observar os detalhes das coisas, principalmente aquelas que são praticamente invisíveis aos nossos olhos, escassos rastros que nos conduzem ao reconhecimento de que determinados acontecimentos ocorridos no passado podem ser desvendados com base em pistas, indícios.

Pensando nisso, organizamos a sequência argumentativa neste texto em três seções. Primeiro apresentamos o encontro com Livro de Crônicas. A seguir, centralizamos o debate na perspectiva da narrativa elaborada por Marthe de Jésus [s.d], considerando o contexto histórico e estrutural no qual ela descreveu o cotidiano. Também evidenciamos nosso olhar sobre o tema proposto, um olhar que agita os vestígios e traz contributos necessários à compreensão dos desafios docentes que essas mulheres calvarianas enfrentaram no cotidiano de seus ofícios. Na terceira seção, abordamos, de modo mais específico, os caminhos percorridos pelas religiosas em Guajará-Mirim, região Norte brasileira.

LIVRO DE CRÔNICAS: RELATOS COSTUMEIROS DO COTIDIANO

O cotidiano que vivenciamos é algo que nos prende, que nos alcança no íntimo de nossas histórias, mas também retrata uma história encoberta, uma vez que muitas vezes, é “[...] aquilo que nos é dado cada dia ou que nos cabe em partilha [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 31).

O que descrevemos no excerto acima, reflete o sentimento que tivemos no encontro com o relato da Madre Católica Calvariana Marthe de Jésus. De fato, ali estava o cotidiano, o penhor de uma história que gritava para ser relatada. Uma história que saindo daquelas páginas amareladas era uma chancela que reservava um olhar sobre elas em diferentes tempos e espaços, uma história que emergiu relacionada às lembranças e às possibilidades de narrar suas vivências ao longo de vivências em terras estrangeiras.

O que era nomeado como Livro de Crônicas, na verdade era um caderno escrito à mão, contendo as memórias cotidianas de acontecimentos vividos pelas irmãs calvarianas na terra estrangeira para a qual se dirigiram. Logo no princípio do Livro de Crônicas há o alerta de que sua escrita “[...] ignora os sotaques sonoros da grande literatura e as elevações grandiosas dos escritores renomados. Ela é do ‘mato’⁸ e, portanto, tem apenas um objetivo: relatar de forma que se possa conhecer melhor nossa pequena Missão.” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p.1).

A narrativa é fluida. Pequenos trechos, breves escritos diários que discorrem a respeito de episódios cotidianos da instituição na qual a autora vivia e cumpria sua missão. O Livro de Crônicas traz em sua capa os seguintes dizeres: Prelazia de Guajará Mirim: Relatório Histórico ou Circunstanciado da Fundação na Amazônia pelas Irmãs de Nossa Senhora do Calvário⁹.

⁸ Possivelmente ao utilizar a palavra mato, a autora se referia à fala simples dos habitantes de Guajará-Mirim.

⁹ Tradução livre de fragmento do Livro de Crônicas da Madre Marthe de Jésus, escrito em francês. Na dissertação “Entre o Evangelho e o Ensino Rural: educação feminina no Instituto Nossa Senhora do Calvário (Vale do Guaporé/Gujará-Mirim MT/RO 1933-1976)”, Souza (2017) aborda parte deste caderno de Crônicas.

Figura 1 - Livro de Crônicas

Fonte: Marthe de Jésus, [s.d], capa.

Neste texto, portanto, enfatizamos que estes escritos são relevantes para narrar uma parte da história da educação feminina que ocorreu no Centro-Oeste e Norte brasileiros, temática para a qual se voltam nossas pesquisas. A associação entre a natureza pessoal e individual dos dados biográficos acrescenta uma camada adicional de complexidade à análise, porquanto ao trabalhar com uma variedade de fontes e dados que são incluídos em diários, cadernos, ou Livro de Crônicas, como no caso deste texto, encontramos muitas variáveis com as quais é preciso lidar, entre elas, o tempo e espaço com o qual temos contato no presente, com todas as nossas concepções a respeito, tanto do passado, remoto vivido pelas professoras calvarianas quanto do presente no qual vivemos e pesquisamos.

De fato, as narrativas são pessoais e compõem uma dada vivência em lugares e tempos de memória, entremeadas de perguntas que se originaram a partir da leitura: Qual melhor maneira de dar forma e significado ao relato de Marthe de Jésus? Como organizar e comunicar um relato compreensível das vivências das Irmãs Calvarianas nos rincões distantes mais ao norte do Brasil e que fornecesse uma abordagem mais coerente? Com esses questionamentos a nos guiar, iniciamos a significativa tarefa de investigar as tramas e trilhas por quais essas mulheres passaram.

Conhecendo o fato de que a vinda das irmãs calvarianas para o Brasil foi parte de uma estratégia de feminização das congregações religiosas, uma tática da igreja católica para ocupar e

se desenvolver em outras terras e lugares, apontamos que a feminização das congregações religiosas constituiu “[...] um modelo de organização que se tornou dominante durante o século XIX. [...] sempre ligadas à superiora geral e a uma sede, chamada Casa Geral ou Casa Mãe.” (LEONARDI, 2008, p. 18).

Mesmo conscientes dessa submissão e de outros interesses que a educação confessional trazia em seu bojo, defendemos que essas mulheres estrangeiras colaboraram para que outras mulheres fossem escolarizadas e contribuíssem para o ensino de outras tantas brasileiras, que sem a presença das irmãs calvarianas, naquele período, talvez não tivessem acesso à escolarização naquelas distantes e rarefeitas terras ao norte do país, distante dos centros urbanos.

A vinda dos religiosos e religiosas para as regiões brasileiras não se caracterizou, portanto, como uma eventualidade, mas foi um projeto educacional bem elaborado a nível mundial, isto é, foi um processo movido pela igreja católica para desenvolver e “[...] recuperar um lugar central na sociedade, de modo a evitar o perigo de sua destruição institucional.” (MANOEL, 1996, p. 50).

ENTRE ESCRITOS E BORDADOS: MULHERES DEDIQUEM-SE SOBRETUDO ÀS PRENDAS DOMÉSTICAS

A abordagem utilizada para a compreensão de dados biográficos, diante do exposto, centra-se na perspectiva da narrativa elaborada por Marthe de Jésus [s.d], considerando o contexto histórico, social e educacional, no qual ela descreveu seu cotidiano, suas decisões, ao longo dos dias que foram relatados no Livro de Crônicas.

O foco adotado compreende essa narrativa relacionada à uma atividade humana central e universal, afinal, Marthe de Jésus viveu, argumentou, construiu uma história real em um lugar inóspito, ao qual precisou se adaptar. Sua escrita nos é apresentada na forma de um relato histórico que retoma o passado enquanto edifica o presente. É uma voz do passado que nos fala por meio dos registros escritos, que nos surge, como nos diria Paul Thompson¹⁰ (1992, p. 11), afinal, trata-se de “[...] instigar os historiadores a se indagarem sobre o que estão fazendo e por quê. A reconstrução que fazem do passado baseia-se na autoridade de quem? E com vistas a quem ela é feita? Em suma, de quem é a voz do passado?”

A voz desse passado surge em um manuscrito contendo uma dedicatória aos bispos, aos padres e à Madre Superiora da Congregação das Irmãs Calvarianas, às irmãs que ficaram na França, em uma voz saudosa que descreveu o lugar onde estava sendo construída a Prelazia de Guajará-Mirim, uma mulher estrangeira que viajou, a serviço da igreja, para levar “[...] os socorros da religião aos seus numerosos rebanhos, pregando o evangelho às almas ainda imersas na escuridão do paganismo e fazendo amar o bom Deus em sua imensa diocese.”(MARTHE DE JÉSUS, [s.d.], p.2)¹¹.

Ao dedicar seu livro às mães e irmãs calvarianas que ficaram na França, a simplicidade de sua escrita nos chamou a atenção para o lugar de sua fala: o lugar desabitado no norte mato-grossense brasileiro, com grandes rios e pequenos riachos nos quais elas pregavam o evangelho, de certa forma, buscando criar um “[...] laço indissociável entre a experiência e a sua (re)elaboração na condição narrativa – enquanto abertura para revivificar e ao mesmo tempo recriar o vivido [...]” (CARVALHO, 2003, p. 287).

No seu relato, a singeleza da escrita emerge a partir de lugar no qual se encontra, segundo ela, um manuscrito humilde. Antecipadamente ela pede indulgência e perdão, pois ignora os

¹⁰ Referência ao título da obra de Paul Thompson "A Voz do Passado – História Oral", publicado em 1992, para exemplificar a escrita de Marthe de Jésus.

¹¹ O Livro de Crônicas não está datado, mas presumimos que tenha sido escrito a partir dos anos de 1935 quando as irmãs calvarianas chegaram a Guajará Mirim.

sotaques sonoros da grande literatura e as elevações grandiosas de escritores renomados, destacando que são narrativas da “mata¹²” e têm somente “[...] um objetivo: agradar, fazendo conhecer melhor nossa pequena Missão. Nossa Senhora do Seringal vem oferecer a todos seus melhores votos de bom e santo ano, pedindo-vos antecipadamente indulgência e perdão.” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p.2).

Os apontamentos do passado desempenham uma função no presente. Marthe de Jésus [s.d] tanto apresenta suas reminiscências quanto as intenções de futuro. Ela conta histórias, testemunha ou expõe compromissos e ações passadas que mantinha com suas irmãs em Gramat. Ela compõe um “desenho”, um retrato o mais próximo possível da localidade na qual viveu e remete-nos às representações coletivas que se transmutam ao longo de sua escrita, conforme a quem ela se dirige ou consoante a proximidade das pessoas e daquilo que estava no centro de sua vida.

Há, contudo, certa ambiguidade no plano da memória elaborado no Livro de Crônicas, como dito por Maurice Halbwachs (1990, p. 45), para quem “[...] as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer das relações com o grupo mais próximos [...]”. Ou seja, Marthe de Jésus [s.d] se desloca no plano narrativo em busca de identificação e ligação com aquelas/aqueles que ficaram distantes e procura narrar os detalhes de sua missão para quem não se encontravam ali. Ela compõe um relato que lhes permita "ver-se", como se estivessem no mesmo lugar, o que permitia a ela, por sua vez, sentir-se parte do grupo, cuja memória conservava.

Ao mesmo tempo que a irmã procurava seguir as rígidas hierarquias religiosas, ela buscava dar a sua realidade um sentido positivo de racionalidade progressiva, como dito por Halbwachs (1990, p. 45) “[...] em certos momentos, sua vida transcorre em meios diferentes, ainda que eles possam através de cartas, descrições, através de suas narrações quando se aproximam, fazer conhecer em detalhes as circunstâncias em que se encontravam quando não estavam em contato.”

O manuscrito retratou os difíceis caminhos percorridos em terras brasileiras detalhadamente, tanto se consideramos o percurso quanto as dificuldades que as irmãs enfrentaram para a chegar a Guajará-Mirim: as imensas áreas de florestas da região Norte do Brasil, nos anos de 1935, quase desabitadas. Há desenhos, figuras e fotografias de um cenário rural, despovoado, com pouca ocupação humana, dado que a maior parte da população da região, entre os anos de 1935 e 1943, vivia à margem dos rios Mamoré e Guaporé.

Ladeados pela floresta amazônica, homens e mulheres permaneciam no campo e viviam do trabalho rural. O contingente urbano era ainda bastante reduzido no Norte do país. Praticamente inexistiam escolas e subsistia a existência de “[...] povos dispersos, nas margens do Guaporé, do Mamoré e dos seus afluentes.” (BIENNÉS, 1994, p. 170).

Frente à missão designada às irmãs calvarianas para evangelizar a população que vivia na Região Norte do Brasil, elas precisaram, portanto, modificar o curso da própria vida e o meio no qual se instalaram. Perpassa pelos relatos nas páginas do Livro de Crônicas, a intenção de tornar conhecida a vida nas terras brasileiras, como uma forma de prestar contas do que as irmãs faziam em outras terras, enviando notícias, tanto à congregação quanto às irmãs que haviam permanecido nas terras de origem. A exemplo, citamos a descrição dos caminhos que tomaram nas trilhas de terras abertas na mata, repletas de lama, troncos de árvores caídos e que tornavam o trajeto difícil, marcado pelos sobressaltos e solavancos. A irmã descreveu ainda que, na viagem para Guajará, o automóvel no qual viajavam atolou e foi preciso saírem. Na estrada de terra ficaram “[...]”

¹² Mata ou mato parece-nos uma menção ao local no qual Prelazia estava instalada. Na época, Guajará Mirim era uma vasta extensão territorial brasileira rarefeita, na qual prevaleciam imensas áreas de floresta amazônica e de seringais.

inundadas de lama! [...] durante as horas intermináveis na agonia no Jardim das Oliveiras¹³, elas se sentiam atraídas pelo Bom Jesus sofrendo.” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p.12).

Analisando o que foi exposto no excerto, evidenciamos a preocupação e angústia vividas nos caminhos inóspitos na viagem empreendida. Contudo, a ida e a ocupação das escolas na localidade eram consideradas de importância fundamental para a congregação, afinal Guajará-Mirim ao ser desmembrada da Diocese de São Luiz de Cáceres, em Mato Grosso e da Prelazia de Porto Velho, naquele momento ainda pertencente ao estado do Amazonas, tornou-se centro de uma nova missão, na qual a cidade era "[...] uma das condições presentes da prosperidade da nossa congregação [...]". (BIENNÈS, 1987, p. 160).

Enfim, naqueles anos, urgia que Guajará-Mirim fosse ocupado, pois era um local propício para que a Igreja ali se instalasse e era absolutamente "[...] necessária a quem toma conta do Guaporé [...]" (BIENNÈS, 1987, p. 159-160). Isto porque era dali que saíam todos os navios que aportavam na região. Guajará Mirim, localizada na divisa com a Bolívia, também permitia o acesso a toda a região e foi considerada, portanto, uma base de operação da igreja e de domínio para o catolicismo no norte mato-grossense.

As irmãs ao chegarem a Guajará-Mirim passaram a se ocupar das atividades comuns à igreja e da cruzada eucarística que era dirigida pelo Padre Francisco Xavier Rey. Marthe de Jésus [s.d] relatou que as missas eram realizadas às 6h30, para que trabalhadoras e trabalhadores dos seringais pudessem participar e para que estudantes também as frequentassem antes das aulas.

A figura a seguir mostra a Igreja Nossa Senhora do Seringueiro em Guajará-Mirim. No lado esquerdo, vemos o local no qual a estava situada em Guajará-Mirim, ao norte de Mato Grosso, na divisa do Brasil com Bolívia, às margens do Rio Guaporé.

Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Seringueiro ao Norte de Mato Grosso¹⁴



Fonte: Marthe de Jésus, [s.d], p. 22

No Livro de Crônicas encontramos o registro da obrigatoriedade de cumprimento dos ritos religiosos na escolarização ofertada pelas irmãs. Cada criança recebia do padre Xavier Rey um pequeno caderno no qual anotavam penitências, a exemplo: “[...] rezei o rosário ajoelhada sem mover-me, os olhos fixos no tabernáculo; [...] prestei um serviço, fui amável com uma pessoa de

¹³ Menção ao Monte das Oliveiras, em Jerusalém, onde Jesus e seus discípulos teriam rezado na noite antes da crucificação.

¹⁴ Provavelmente denominada Igreja Nossa Senhora do Seringueiro porque a cidade de Guajará-Mirim era habitada por muitos seringueiros, cujo látex extraído da seringueira era o principal meio de sustento para suas famílias. (SOUZA, 2017).

quem não gosto; não me esquivei e me deixei picar pelos mosquitos e formigas [...]” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p.16).

É possível analisar que os escritos descrevem a situação vivida como uma forma de mostrar que estudantes da comunidade, naquela distante localidade, começavam a seguir a fé que as irmãs professavam, na esteira da finalidade verdadeira de suas missões: evangelizar. Nas práticas educativas era cultivada a adesão de estudantes aos princípios católicos, com “encantadora generosidade”, levando-as a participar ritos na escola como forma de convencimento para que as crianças seguissem e professassem a mesma fé das irmãs e do belo “[...] espetáculo da Comunhão Pascal, na quinta-feira, da bela festa de Corpus Christi [...]” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], pp. 16-17).

Nas solenidades os habitantes da pequena localidade eram convidados a participar, inclusive das comunhões, afinal era por meio da educação das crianças e da juventude brasileira nas escolas confessionais que a fé católica seria propagada. Uma vez evangelizadas, mulheres e professoras católicas, posteriormente, propagariam a fé nas localidades, gerando “[...] a doce confiança, que continuará a se estender em nossa casa o Reino de Cristo”. (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], pp. 16-17).

EM OUTRAS TERRAS: ESCOLAS NO VALE DO GUAPORÉ E O EXERCÍCIO NO MINISTÉRIO, ENSINAR EM UM PAÍS POR MUITO TEMPO ABANDONADO

No dia 11 de junho, Francisco Xavier Rey, Bispo da Diocese de Guajará-Mirim, Prelado da Missão que havia ido a Gramat para acompanhar as Irmãs Calvarianas na viagem até Guajará-Mirim, celebrou a missa em intenção da obra missionária que as irmãs iriam empreender em nome da cruz e do Cristo. Uma obra que se impunha, frente às dificuldades que as congregações enfrentavam na França. As últimas horas vividas na Casa-Mãe em Gramat forma descritas como um dia dos adeuses, vividos simplesmente e na intimidade. (MARTHE DE JÉSUS, [s.d]).

A vinda para o Brasil representava um sacrifício para as irmãs, uma “[...] agonia de uma grande partida! O dia 10 de junho dias antes da partida, dia 10 à noite, primeira despedida ao cemitério abençoado da Casa Mãe. Precisava começar o gesto da partida para esta visita aos “verdadeiros vivos”. (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p. 3).

De fato, a autora ao escrever suas memórias não se expressava apenas de seu próprio ponto de vista, mas se colocava segundo as concepções religiosas das irmãs que com ela vieram ao Brasil, bem como de suas superiores, cuja memória a acompanhava e permanecia, enquanto caminhava e desenvolvia sua missão, distante de sua terra. Desse modo, as impressões das novas terras que conheceu são anotadas de modo particular, original.

As crônicas diárias que escreve assemelham-se à descrição de grandes feitos que poderiam ser agregados à coletividade da qual as irmãs se sentiam parte, como dito por Paul Ricouer (1994, p. 88-89), para quem os atos realizados remetem a determinados motivos que explicam porque alguém faz algo que conduz a outras ações ou “[...] as ações físicas têm ainda agentes que fazem ou podem coisas que são tidas como obras suas, ou como se diz em francês, como seu feito: em consequência esses agentes podem ser tidos como responsáveis por certas consequências de suas ações.” Ademais a viagem dessas mulheres para além de suas terras era realmente um grande feito, realizada em nome da fé que professavam.

Após a longa viagem, acompanhadas pelo Sacerdote Francisco Xavier Rey, desembarcaram no Brasil com a finalidade de atuarem nas escolas confessionais guaporeanas.

Em 27 de junho de 1935, as irmãs calvarianas, acompanhada pelo padre Xavier Rey, as irmãs Marthe de Jésus, São Rafael, Marta do Calvário, Maria Agostinho e Maria Antonieta desembarcaram em Santos. Quatro dias depois, em 31 de junho de 1935, embarcaram novamente

no Vapor “Almirante Jaceguay” com destino a Belém do Pará, ali chegando em 05 de julho de 1935. Em seguida, dirigiram-se a Porto Velho, onde permaneceram alguns dias. De trem foram para Guajará-Mirim, no dia 15 de agosto. Saíram de Belém, no Vapor Índio do Brasil, no dia 21 de julho de 1935, chegando a Manaus no dia 30 de julho. Em 02 de agosto partiram novamente e chegaram, no dia 09, em Porto Velho. Elas saíram de “[...] Porto Velho com o trem Madeira-Mamoré, pernoitando em Abunã. O trem partiu de Abunã, no dia seguinte as 06 horas da manhã. Chegou em Guajará-Mirim dia 15 de agosto, às 14 horas, numa sexta feira.” (GUAJARÁ-MIRIM. Relatório n. 2, [s.d]).

As Irmãs Calvarianas foram bem recebidas em Guajará-Mirim, na estação, pelas autoridades locais, por habitantes e por Mendonça Lima, prefeito da localidade. Em Guajará-mirim passaram a habitar no “[...] Colégio Santa Terezinha, que havia sido fundado no dia 25 de maio de 1933, por D. Rey e dona Emilia Brigel Guerra.” (GUAJARÁ-MIRIM, Relatório n. 2, [s.d]).

Naquela região na qual tudo faltava, a missão dessas mulheres letradas encontrou campo vasto e fértil junto à população que vivia distante dos olhares dos dirigentes do país e acabaram por atuar como educadoras, enfermeiras, socorristas e até mesmo como médicas. Mulheres capazes de ao mesmo tempo “[...] converter, ajudar, ensinar, socorrer, cuidar... descobrir os outros.” (PERROT, 2007, p. 140).

Os perigos à vida eram frequentes. Uma das irmãs, Irmã Maria Agostinho, faleceu em Guajará-Mirim, logo que chegou, no primeiro ano da missão, de doença, causada tanto pelas condições extremas da longa viagem quanto, possivelmente, atacada por alguma doença, como a Malária, comum naquela região. Na defesa do sacrifício em prol da fé, a autora descreveu que a Irmã Maria Agostinho, na agonia do último suspiro faleceu “[...] no momento em que eu pronunciei em seus ouvidos que pareciam me entender muito bem, a piedosa invocação ‘Jesus, Maria José, faça que eu morra em paz em vossa santa companhia’.” (MARTHE DE JÉSUS, [s.d], p. 7).

Marcadas por suas crenças, além de gerenciar a instituição educativa, as irmãs ministravam disciplinas que incluíam conteúdos como prendas domésticas, costura, bordado, culinária, datilografia, música e outras disciplinas que agregavam conteúdos relativos ao cuidado com a saúde e a higiene. Entre as disciplinas que compunham os conhecimentos gerais, estavam as disciplinas de Português, Matemática, Geografia e História. Outras atividades educativas eram desenvolvidas e reforçavam a formação de um lastro religioso, tais como, orações diárias e doutrinação religiosa por meio da leitura de textos selecionados, atos litúrgicos ou de festejos comemorativos como os dias dos santos padroeiros, comemorações cívicas, com o intuito de adular o governo, como as datas do dia 07 de setembro, dia da independência do Brasil, entre outras datas.

Em relação à manutenção, as escolas recebiam subsídios financeiros da prefeitura de Guajará-Mirim, doações financeiras das famílias de estudantes, entre outras, advindas de instituições ou da população que não frequentava a escola (SOUZA, 2017).

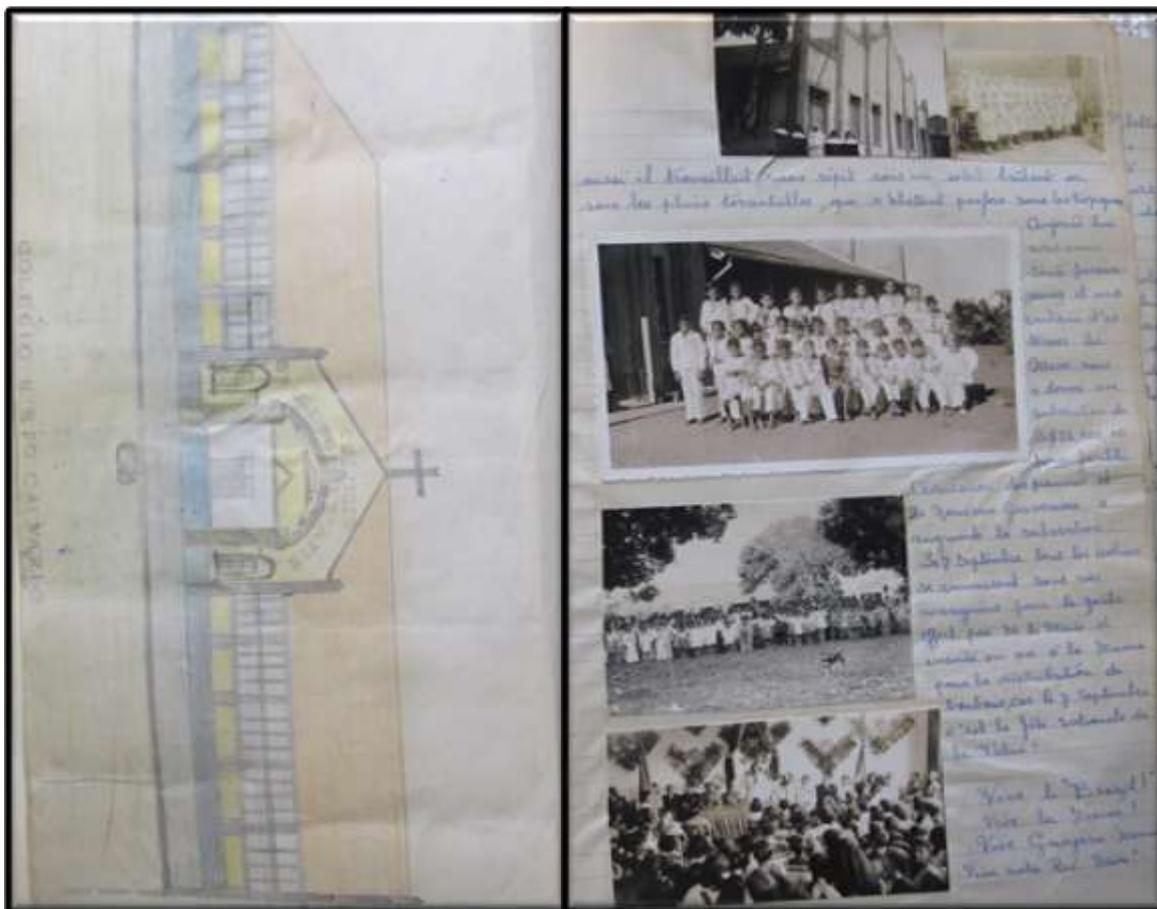
Cabe ressaltar que ao longo dos anos, as escolas fundadas por Xavier Rey e geridas pelas irmãs calvarianas foram praticamente as únicas instituições escolares formando as moças do Vale do Guaporé, pois as localidades ribeirinhas rurais encontravam-se distante dos grandes centros o que, conseqüentemente, era um impeditivo para o acesso das moças à escolarização. Xavier Rey tratou então de ofertar formação escolar às mulheres multiplicando as pessoas que atuavam como religiosas, além de “[...] diminuir o analfabetismo em que se encontravam todos os que moravam às margens do rio Guaporé, abandonados pelo Estado, foi a ideia que, paulatinamente, concretizou-se depois da intervenção da Igreja Católica.” (NASCIMENTO, 2014, p. 17).

Naquela região distante, Xavier Rey seguiu a tradição e associou educação e religião para enfrentar o problema social brasileiro: favorecer o acesso de pessoas pobres às escolas. Ao ofertar escolarização para as mulheres obteve os recursos de que a igreja necessitava para prosperar e ao mesmo tempo formou mão de obra farta para evangelizar, recorrendo aos recursos públicos por meio da prefeitura para adquirir terrenos, imóveis e outros bens “[...] indispensáveis para suas obras: escolas, dispensários (clínicas), catecismo etc. e assegurar-lhes um subsídio anual. [...] a prefeitura se envolve mediante contrato para pagar certa quantia a cada ano, pelo menos 5 contos, para as irmãs.” (XAVIER REY, [entre 1935 e 1938], p.5).

Consciente de que o Vale do Guaporé dependia de Guajará-Mirim, a missão empreendida pelas irmãs calvarianas iniciou seus trabalhos, sob o manto do atendimento às necessidades dos habitantes da região, destacando sempre que suas vidas seriam “[...] toda de doação ao pobre e de heroísmo diante das lutas e dificuldades [...]”. (BIENNÈS, 1987, p. 159).

Evidenciamos, contudo, que muito embora o assistencialismo estivesse presente na narrativa, tanto as irmãs calvarianas, quanto os religiosos franciscanos, com o pretexto de educar a população guaporense, procuraram evangelizar e impedir o avanço de outras doutrinas naquelas regiões, além é claro, de visar à prosperidade da congregação dos Padres Terciários Franciscanos Franceses - TOR, ordem à qual pertencia o prelado Xavier Rey.

Sob a supervisão do prelado, da prelazia ou das próprias irmãs calvarianas, as irmãs executaram um projeto de educação católica naquela vasta região banhada pelo rio Guaporé, com o objetivo de atender à “[...] missão, cujas atividades foram se diversificando no decorrer dos tempos. No início as Irmãs dedicavam-se a Assistência Social e de enfermagem em domicílio; a educação teve papel muito importante desde o começo da missão.” (GUAJARÁ-MIRIM, s/d. p.1). A seguir, apresentamos um registro de momentos vividos pelas irmãs na escola e na igreja.

Figura 3 – Colégio Nossa Sra. do Calvário, [s.d]

Fonte: Livro Crônicas de Marthe de Jésus, [s.d]

Na figura acima, visualizamos outra página do Livro Crônicas de Marthe de Jésus, na qual é possível ver um desenho feito a mão representando a instituição escolar, bem como a igreja que a circundava. Do lado esquerdo temos uma fotografia do Colégio Nossa Senhora do Calvário e outras fotografias de momentos comemorativos. Interessante notar as vestimentas brancas com as quais estão vestidos as jovens e outros estudantes, simbolizando que eram filhas e filhos de Maria, clara alusão ao ambiente religioso da instituição escolar. Pode-se ver ao fundo as matas, o chão de terra batido, típico das cidadezinhas interioranas brasileiras, como Guajará-Mirim. Nas últimas fotografia que constam no Livro de Crônicas, temos estudantes reunidos em uma fotografia posada, coletiva, possivelmente utilizada para comprovar as atividades educativas e religiosas, bem como a importância da missão calvariana na localidade. Na última figura, há o destaque da visita de autoridades da cidade à escola para falarem sobre o Dia da Pátria: 07 de setembro, data na qual se comemora a independência do Brasil de Portugal.

A educação das moças no Colégio Nossa Senhora do Calvário, seguia, o mais próximo possível, normas que as Irmãs Calvarianas trouxeram consigo quando se propuseram a deixar a França, seu país de origem, na qual os princípios educacionais idealizados por Padre Pierre Bonhomme eram seguidos. Ao mesmo tempo, procuraram adaptar a formação ofertada a outras instituições escolares existentes no Brasil, sempre articulada à relação religião e educação católicas, seguindo os princípios religiosos de padres e freiras. (SOUZA, 2017).

A instalação de colégios confessionais, como o Colégio Nossa Senhora do Calvário, no Vale do Guaporé, era parte de um projeto mais amplo da igreja católica, como destacado em um

boletim denominado “Experiência Missionária”, no qual encontramos o registro de que as irmãs visitavam periodicamente as alunas formadas ao longo dos anos para comprovar sua dedicação aos princípios religiosos e domésticos que eram aprendidos nas escolas confessionais e que “[...] preparavam para a vida familiar, ofertando cursos de ensinamento doméstico. Durante anos eu tive a alegria de visitar as antigas alunas casadas e de ver suas casas bem cuidadas [...]”. (ANTONIETA, 1996, p.1).

Sintetizando o que foi exposto até aqui, destacamos que em outras investigações, já evidenciamos que mulheres foram alvo do discurso religioso e foram educadas em instituições confessionais brasileiras, debaixo de rígida eloquência moral e religiosa, o que deu origem de construções sociais a respeito da figura feminina: a imagem de pureza associada às ditas virtudes femininas e atividades naturais: cuidar da casa, do marido e dos filhos, bordar, costurar, entre outras atividades (FERREIRA, 2014).

Sem dúvida, a missão empreendida pelas irmãs com a missão de acolher o próximo ocorreu consoante a moral, a virtude, a ética, interesses e princípios religiosos católicos. A vinda dessas irmãs para o Brasil, para Guajará-Mirim, não foi um episódio fortuito, mas um evento, no qual, por meio da educação das mulheres brasileiras, a igreja católica buscou retomar e restabelecer seu lugar central, de destaque na sociedade e, por extensão, mundial.

QUESTÕES INQUIETANTES: CONCLUSÃO OU INÍCIO PARA AS MULHERES QUE SE AVENTURARAM EM OUTRAS PAISAGENS?

Nos caminhos da memória, alcançamos que ela ocupa uma função no presente. As narrativas marcam-se tanto sobre as esperanças e intenções do futuro como pelo fato de contar histórias, testemunhar ou confessar compromissos de ações passadas que se desenham e se envolvem às representações coletivas que podem mudar de acordo com a audiência, com os estímulos, com as necessidades, com o tempo e lugar.

Cada pessoa que narra dá centralidade à individualidade na tentativa de explicar a mudança da natureza e a persistência de relações sociais e culturais, de estruturas econômicas, históricas, enfim do contexto no qual se insere.

A partir da escrita narrativa de Marthe de Jésus [s.d], do cotidiano vivenciado, de sua forma de ver e de viver, na região situada na floresta amazônica, na região Norte brasileira, de lidar com as dificuldades e desafios, é possível alcançar a experiência humana real, vivenciando parte de atitudes que se constituíram frente às situações vividas no passado ainda vivo nas palavras escritas que permaneceram.

Nessa realidade tratada pela irmã calvariana, encontramos o prazer do conhecimento que é, ao mesmo tempo, construído e experimentado. Esse encanto, por sua vez, permite a composição de um relato que concebe o verídico e o verossímil na intenção de entusiasmar quem o lê, de aproximar quem está distante, de levar à compreensão de que é preciso construir um novo olhar para si, para outrem, para os lugares e vivências.

Olhando essa condição na qual nós nos compomos, concluimos, como já sabido, que permanece na sociedade brasileira a concepção de mulheres idealizadas como esposa, como mães, mulheres dedicadas ao lar, educadoras e cuidadoras das gerações futuras ou como objetos sexuais. Essa foi e é uma bandeira levantada principalmente nos meios religiosos, uma “verdade” de difícil desconstrução. Nossa sociedade é elitista, latifundiária, tradicional e conservadora, na qual se configurou uma estrutura social rígida, diferenciada e exclusiva, que não inclui, mas aparta: de um lado a mulher branca, pertencente à classe dominante, com amplo acesso à escolarização e ao mundo do conhecimento. De outro, mulheres pobres, negras, indígenas ou mestiças, exploradas

como domésticas, servidoras de outras mulheres e homens e/ou como objetos que podem ser descartados a qualquer momento.

Essas são questões que nos inquietam e sobre as quais temos refletido em nossas buscas por equidade entre homens e mulheres. No campo da pesquisa da educação feminina e da formação de mulheres, de professoras missionárias que se aventuraram, saíram de seus espaços e atuaram em locais públicos ou tão distantes, como no caso em estudo, nas terras brasileiras mais ao norte do país temos procurado por histórias de mulheres que romperam com os estereótipos quaisquer que fossem eles.

Problemáticas essas nos permitem, seja no âmbito da História da Educação, da História das Mulheres, ou no campo da História da Formação de Professoras Missionárias, construir narrativas que desafiam parte da história de mulheres que mudaram seus trajetos de vida, como no caso das irmãs calvarianas que da França, na Europa, vieram para o Vale do Guaporé, no Brasil, uma história para a qual cabe ainda outros estudos e análises.

Histórias que gostamos de pesquisar e de narrar, para retirá-las do silêncio ao qual estão relegadas. Publicá-las. Histórias de mulheres que prosseguiram e foram além.

Investigamos a educação feminina e a história de mulheres que mesmo contra todos os “silêncios” que as restringiam, que as tornavam submissas, ainda assim, encontraram formas de romper fronteiras. Mulheres que partiram, puseram-se a caminho para conhecer outros lugares, outras formas de ser e de influir na sociedade na qual estavam inseridas. Encontraram e construíram o devir, como mulheres, professoras, missionárias em distantes localidades como a Guajará-Mirim brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANTONIETA, Maria. **Boletim Experiência Missionária**. São Paulo: Congregação das Irmãs Calvarianas, 1996.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BIENNÉS, Dom Máximo. **Missão Franciscana na Fronteira**. São Paulo: Paulus Gráfica, 1994.
- BIENNÉS, Dom Máximo. **Uma Igreja na Fronteira**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, July 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100012>.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. **Documento Pontifício**, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.
- FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Economia Doméstica: ensino profissionalizante feminino no Triângulo Mineiro (Uberaba/MG- 1953-1997)**. Jundiá, Editora Paco, 2014.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GUAJARÁ-MIRIM. **Relatório n. 1**. Dom Francisco Xavier Rey, Bispo Francês. Guajará-Mirim: Arquivo do Museu Histórico Municipal, [s/d].

GUAJARÁ-MIRIM. **Relatório n. 2**. Dom Francisco Xavier Rey, Bispo Francês. Guajará-Mirim: Arquivo do Museu Histórico Municipal, [s/d].

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

JOUTARD, Philippe. **Esas voces que nos llegan del pasado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo. Tese de Doutorado, USP, Faculdade de Educação, 2008.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MARTHE DE JÉSUS. **Livro de Crônicas**. Gramat, França: Arquivo Geral da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, [s.d].

NASCIMENTO, Silvio Melo do. **A escola de Dom Xavier Rey: história da formação de professoras no Vale do Guaporé**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Velho, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela Maria da Silva Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO, Fernanda Batista do. **Entre o Oratório e a Profissão: formação de professoras na Escola Normal Rural Nossa Senhora Auxiliadora em Porto Velho/RO (1930-1946)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

SOUZA, Cleicinéia Oliveira de. **Entre o Evangelho e o Ensino Rural: educação feminina no Instituto Nossa Senhora do Calvário (Vale do Guaporé/Guará-Mirim MT/RO 1933-1976)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

XAVIER REY, Francisco. **Diário**. [entre 1935 e 1938].